



REVISTA DA FACULDADE DE DIREITO  
PADRE ARNALDO JANSSEN

ISSN Impresso 1983-5108  
ISSN Eletrônico 2316-6673

HISTÓRIA DO ENSINO DE RETÓRICA NO BRASIL

Jacqueline Diniz Oliveira-Souki<sup>1</sup>

RESUMO

Este artigo tenciona mostrar como a Retórica teve importantes implicações no ensino da Língua Portuguesa no Brasil, cuja herança nos foi legada por nossos colonizadores. Chegou ao país pelas mãos dos padres jesuítas, que vieram em 1549 e permaneceram aqui até 1759, ou seja, por 210 anos. A metodologia usada para esta investigação foi a pesquisa bibliográfica, por meio do rastreamento em diversas fontes de investigação. Podemos afirmar, com este trabalho, que o advento do ensino de Retórica no Brasil trouxe contribuições à educação, uma vez que se pretendia formar jovens eloquentes e capazes de escrever bem. Ademais, os jesuítas entendiam que um bom conhecimento de Gramática era a base para os estudos superiores de Retórica. Além disso, é importante mencionar que a formação literária do aluno no Brasil consistia na leitura dos grandes autores, principalmente os gregos e os romanos. No final do curso secundário, era dada uma grande ênfase ao estudo da Retórica e da Poética de Aristóteles.

Palavras-chave: História. Retórica. Língua Portuguesa. Jesuítas. Ensino.

INTRODUÇÃO

Muito já foi estudado, dito, escrito e criticado sobre a Retórica nos dois milênios e meio de sua existência. Platão a definiu como “a arte de ganhar a alma pelo discurso”; Aristóteles, como “a faculdade de descobrir em qualquer caso particular todos os meios disponíveis de persuasão; Cícero, como “uma arte que contém cinco artes menores: *inventio*,

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos Linguísticos: Linguística do Texto e do Discurso, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Mestre em Estudos Linguísticos: Linguística Aplicada também pela UFMG; Especialista em Língua Inglesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas); Graduada em Letras e em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia e Letras de Belo Horizonte, atualmente Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH). Fez aperfeiçoamento em Língua Inglesa pelos institutos LSC Language Studies Canada (Toronto, Canadá) e Eurocentres Foundation for European Language and Educational Centres (Londres, Inglaterra). Atualmente, é professora titular de Leitura e Produção de Texto, Comunicação e Expressão, Língua Portuguesa e Metodologia da Ciência, nas Faculdades Padre Arnaldo Janssen, em Belo Horizonte. Possui experiência na área de Letras e Pedagogia. Atua em pesquisas educacionais, linguísticas e metodológicas. Endereço eletrônico: oliveira.souki@yahoo.com.br

*dispositio, elocutio, memoria e pronuntiatio*” e como “a fala com o propósito de persuadir”; Quintiliano, como “a arte de falar bem”; Roland Barthes (1975, p. 148), como “uma metalinguagem cuja linguagem objeto é o discurso”; e Reboul (2004, p. 15), como “a arte de persuadir pelo discurso”.

Na *Farsa de Inês Pereira* (1523), Gil Vicente expressa, por intermédio de um escudeiro, suas qualificações: “[...] Sei bem ler,/e muito bem escrever,/e bom jogador de bola,/e, quanto a tanger viola,/logo me vereis tanger”. Na *Farsa dos Almocreves* (1526), um pagem afirmará sua plena confiança no ensino com vista à sua ascensão pessoal: “Ainda eu hei de crescer:/castiço sou eu que basta,/se me Deus deixa viver./Pois o mais depreenderei [aprenderei]/como outros com eu per hi”. Em algumas situações, o escudeiro ocultava sua procedência vilosa e procurava compensá-la com a realização de estudos de alto nível. “Um deles era a retórica”.

Pode-se admitir que em sua longa e importante história, a Retórica já recebeu muitas definições, comportando inúmeros objetivos e variando muito no que ela incluía. Não cabe aqui discorrer sobre as mais variadas implicações dessa arte milenar. Neste texto, enfatiza-se a questão da história do ensino da Retórica no Brasil. A seguir, faz-se um breve relato sobre o tema em foco, herança deixada pelos portugueses, nossos colonizadores.

## O ADVENTO DA RETÓRICA NO BRASIL

Como primeiro ponto importante deste texto, descreve-se como se deu a difusão da Retórica no Brasil, por influência dos portugueses, pelas mãos dos padres jesuítas, que vieram em 1549 e permaneceram no Brasil até 1759. Nesses 210 anos, detiveram o monopólio da educação na Colônia, aplicando um ensino humanista. Durante esse período, o governo português não interveio nem se preocupou com o ensino. É importante destacar que a cultura humanista, baseada na aprendizagem do latim e do grego, perdurou até o século XX.

Para explicitar melhor o assunto, cita-se José Murilo de Carvalho (1998, p. 149), cuja voz revela que a importância da Retórica no Brasil pode ser explicada pelo exame da tradição escolástica portuguesa, sobretudo a que prevaleceu no Colégio das Artes e na



REVISTA DA FACULDADE DE DIREITO  
PADRE ARNALDO JANSSEN

ISSN Impresso 1983-5108  
ISSN Eletrônico 2316-6673

Universidade de Coimbra, chamada de “segunda escolástica portuguesa”. Vários nomes da elite política e intelectual brasileira da primeira metade do século XIX formaram-se nessas instituições de ensino.

Um segundo ponto significativo a respeito do tema refere-se à configuração do ensino dos “Estudos Menores”, ou “Estudos Inferiores”, compostos pelo ensino de gramática, humanidades e retórica. Havia também os “Estudos Superiores”: filosofia e teologia. Registra-se que o Colégio das Artes, caminho obrigatório para todos os candidatos aos cursos universitários, responsável por ministrar esses estudos, era dirigido e controlado pelos jesuítas, desde 1555.

Os jesuítas adotaram um controle mais rígido a partir da introdução, em 1639, da *Ratio Studiorum*, o método de estudo jesuítico cuja concepção baseava-se em um conjunto de normas que definiam saberes a serem ensinados e condutas a serem inculcadas e em um conjunto de práticas que permitiam a transmissão desses saberes e a incorporação de comportamentos, normas e práticas. Conforme Hansen (2001, p. 19-20), nesse cenário a Retórica era fundamental. Essa matéria, ainda segundo esse estudioso, não era apenas uma dentre as outras que compunham os “Estudos Menores”, mas, fundamentalmente, um modo de pensar e de organizar todas as representações das matérias, em todas as atividades dos cursos. Ademais, a *Ratio Studiorum* especificava que o curso de Retórica deveria dar conta de três questões fundamentais que resumiam e normalizavam toda a educação da época: os preceitos, o estilo e a erudição.

Outro ponto fundamental a destacar é que também no Brasil colonial as principais escolas eram jesuítas. Somente entre 1554 e 1570 é que viriam a ser fundadas cinco escolas de instrução elementar no Brasil (Porto Seguro, Ilhéus, Espírito Santo, São Vicente e São Paulo) e três colégios (Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia). Ademais, tanto em Portugal como no Brasil o currículo dos colégios jesuítas atribuía muita importância à Gramática e à Retórica. O objetivo era formar jovens eloquentes e capazes de escrever bem. Entendiam os jesuítas que um bom conhecimento de Gramática era a base para os estudos superiores de Retórica. A formação literária do aluno no Brasil consistia na leitura dos grandes autores,



especialmente os gregos e os romanos. No final do curso secundário, era dada uma grande ênfase ao estudo da *Retórica* e da *Poética*, de Aristóteles.

No que tange à presença da Retórica no Brasil, Massimi & Freitas (2007, p. 111-135) salientam o quão evidente era o uso pelos jesuítas do recurso retórico da *accommodatio*, apresentada por Cícero em *De Oratore*, para proporcionar a interação entre os jesuítas e os indígenas. A *accommodatio* pressupõe o conhecimento psicológico do outro como condição para o estabelecimento de novas relações. Muitos relatos, cartas e documentos informativos da época continham narrativas de pregadores e visitantes que testemunharam o uso desse recurso pelos jesuítas para persuadir, eficientemente, uma população culturalmente diferente.

#### O ENSINO DA RETÓRICA E A REFORMA POMBALINA

A partir das controvérsias pedagógicas que as correntes iluministas apregoavam, é posta em prática, a partir de 1759, uma reforma dos Estudos. Na versão absolutista do Marquês de Pombal, "a educação cívica de raiz jurídico-moral e a instrução das letras [...] enquadravam-se nas obrigações dos vassallos, impostas pela lei". A filosofia e os planos da reforma baseavam-se na obra dos seguintes autores: frade oratoriano Luís Antônio Verney (*Verdadeiro Método de Estudar*, 1746), Cândido Lusitano, pseudônimo do padre Francisco José Freire (*Ilustração Crítica*, 1750), António Félix Mendes (*Gramática Portuguesa da Língua Latina*, 1741) e doutor Antônio Nunes Ribeiro Sanches.

Como o latim era a língua dos Estudos, todas as polêmicas sobre a reforma rodavam em torno do seu método de ensino. Daí a importância que tiveram compêndios e gramáticas, de latim em particular, que a Real Mesa Censória (1768) passou a vigiar. O primeiro passo deu-se em 1759, com a expulsão dos jesuítas e o fechamento das escolas por eles dirigidas no reino e nas colônias. O movimento de reforma foi amplo e abrangeu os Estudos Secundários, os Estudos Menores e os Estudos Superiores.

Na Universidade de Coimbra, procedeu-se ao diagnóstico da situação, pela Junta de Providência Literária (*Compêndio Histórico do Estado da Universidade*, 1771), promulgaram-se novos estatutos, em 1772, criaram-se duas novas faculdades (Matemática e

Filosofia), contrataram-se outros professores, reformularam-se programas e realizou-se um ambicioso programa de obras: Laboratório Químico, Gabinete de Física, Observatório Astronômico, Jardim Botânico, Museu de História Natural e Tipografia Acadêmica.

Em relação à Retórica, não houve nenhuma tentativa de exclusão de seu ensino. Verney buscou somente alterar seu conteúdo e ampliar seu alcance, o que pode ser visto na parte do *Verdadeiro Método de Estudar*, dedicada a essa matéria. Verney atacou duramente o mau gosto da oratória portuguesa, especialmente quanto ao uso abusivo de ornamentos estilísticos e de tropos. Dito de outro modo, quanto à afetação dos discursos.

A Retórica, de acordo com Verney, é de extrema utilidade. Contudo, o desconhecimento do conteúdo dessa arte tornou-se um problema. Para ele, como arte de persuadir, ela é valiosa, aplica-se a todas as circunstâncias da vida: “Todo lugar é teatro para a Retórica”. Entendia que os portugueses não sabiam o que era Retórica: por não a estudarem ou por a estudarem nos manuais jesuíticos, que considerava péssimos. O mal da Retórica jesuítica era que se reduzia ao estudo dos tropos e das figuras, parte mínima e menos importante. No seu entendimento, era preciso adotar outra concepção de Retórica e outro método para ensiná-la. Elegia como guia a tradição de Quintiliano, Cícero, Aristóteles e Longino.

Por meio de alvará, em 28 de junho de 1759, ao mesmo tempo em que suprimia as escolas jesuíticas de Portugal e de todas as colônias, Pombal criava as aulas régias de latim, grego e retórica. Criou também a Diretoria de Estudos, que só passou a funcionar após o seu afastamento. Cada aula régia era autônoma e isolada, com professor único. Uma não se articulava com as outras. A reforma pombalina não excluiu a Retórica; ao contrário, aumentou sua importância e alargou seu escopo de atuação. Prova disso é o fato de a política reformista ter exigido, a partir de 1763, aprovação em exame de Retórica para admissão à Universidade de Coimbra.

Não obstante o pequeno número de aulas régias criadas na colônia, pode-se dizer que no início do século XIX qualquer pessoa com alguma educação acima da alfabetização elementar em Portugal ou no Brasil teria passado por elas e, portanto, teria alguma formação



REVISTA DA FACULDADE DE DIREITO  
PADRE ARNALDO JANSSEN

ISSN Impresso 1983-5108  
ISSN Eletrônico 2316-6673

em Retórica, retrata Almeida (1995). Na época da criação das escolas de Direito no Brasil, em 1827, entre os exames preparatórios exigidos para o ingresso estava o de Retórica.

Como se vê, mesmo após a expulsão dos jesuítas a Retórica no Brasil, na esteira de Portugal, continuou sendo, no dizer de Carvalho (1998, p. 149-168), “uma insígnia que convinha ostentar”, um diferencial do qual ninguém poderia abrir mão. Para Carvalho, a importância da Retórica no Brasil evidencia-se também pelo fato de terem sido publicados inúmeros manuais de Retórica ainda no Brasil Colônia.

Em 1794, Bento Soto-Maior e Menezes publicou o *Compêndio Rhetórico ou Arte Completa de Rhetórica*, de 300 páginas, que pretendia ser um método fácil de aprendizado. Tinha como público-alvo os curiosos da arte que não queriam frequentar aulas de Retórica. Tal publicação evidencia certa popularidade da Retórica. Seu autor tinha certamente a convicção de que havia um número considerável de “curiosos” fora dos circuitos acadêmicos, o que justificaria tal investimento. O conteúdo do texto segue o espírito da reforma de Verney, que, por sua vez, teve como mestres Aristóteles, Cícero, Quintiliano e Longino.

Um dos principais conselheiros de dom João VI, Silvestre Pinheiro Ferreira, mais tarde ministro, após a chegada da corte ao Brasil, em 1808, abriu um curso de filosofia e de teoria do discurso e da linguagem. Como não havia manuais adequados, redigiu, ele mesmo, um compêndio, publicado entre 1813 e 1820, sob o título *Preleções Philosophicas*. A Retórica de Pinheiro Ferreira era também inspirada na de Verney e se aproximava da que é defendida hoje por aqueles que procuram resgatar a disciplina da má fama que a acompanha, nas chamadas “Novas Retóricas”.

Para o autor das *Preleções*, a Retórica não deveria separar-se da Lógica e da Gramática e a teoria do raciocínio não deveria separar-se da teoria da linguagem. Isto é, a arte de pensar não se devia separar da arte de falar com clareza. A Retórica não devia ser enfeite, mas instrumento cotidiano de argumentação e persuasão. Um antigo professor de Retórica de um liceu em Pernambuco, Lopes Gama, padre e militante da imprensa na década de 1830, publicou um grande compêndio dedicado à eloquência nacional, no qual exaltava a importância da Retórica e buscava adaptá-la ao português-brasileiro. Inspirou-se em Aristóteles, Cícero e Quintiliano, além de outros autores modernos. Lopes Gama enfatizou a



REVISTA DA FACULDADE DE DIREITO  
PADRE ARNALDO JANSSEN

ISSN Impresso 1983-5108  
ISSN Eletrônico 2316-6673

parte da Retórica dedicada à elocução. Dizia sobre o poder da eloquência: “[...] por quanto as cousas não valem tanto pelo que dizem, como pelo modo, e teor, por que se dizem”. No mais, o compêndio de Gama não é muito diferente dos anteriores, o que evidencia o poder da tradição do ensino da Retórica no Brasil.

Roberto Acízelo de Souza, em seu livro *O império da eloquência: Retórica e Poética no Brasil oitocentista*, constatou a existência de 34 publicações sobre Retórica e Poética, geralmente tratadas em conjunto, entre 1810 e 1886. Conforme Carvalho (1998), a Retórica no Brasil, que pode ser compreendida como um fenômeno sociocultural e psicológico, contaminou principalmente o discurso do bacharel, ligando-o, infelizmente, a uma modalidade retórica desprovida de conteúdo, ao modo da Retórica jesuítica, muitas vezes decorrente da ausência de conteúdo defensável.

## O ENSINO DA RETÓRICA E O COLÉGIO PEDRO II

Na segunda metade do século XIX, quando se deu o processo de consolidação do Estado brasileiro e a construção da nação, a instrução pública era uma grande preocupação. Constatada a inviabilidade da manutenção das aulas-régias, que, dentre outros defeitos, exigiam a locomoção dos alunos às casas dos mestres, foi fundado o Imperial Colégio de Pedro II, equivalente ao Colégio das Artes, de Coimbra, em 2 de dezembro de 1837, por decreto do ministro interino do Império Bernardo Pereira de Vasconcelos, inspirado nas melhores instituições de ensino da França. Esse colégio passou a ser o modelo do ensino oficial no Brasil.

O Colégio Pedro II, desde sua fundação, em 1837, por 54 anos contou com a Retórica em seu currículo. Segundo Roberto Acízelo de Souza, foi notável o papel do Colégio de Pedro II no ensino dessa disciplina durante o século XIX. Dentre as publicações sobre Retórica arroladas por esse autor, muitas foram de autoria de vários professores do Colégio Pedro II.<sup>2</sup> Em 1891, depois da Proclamação da República, Benjamim Constant, então ministro

---

<sup>2</sup> Compêndios mais usados no Colégio Pedro II: Antônio Marciano da Silva Pontes, *Nova Rhetórica Brasileira* (1860); de Francisco Freire de Carvalho, *Lições Elementares de Eloquência Nacional* (1834); do Cônego



REVISTA DA FACULDADE DE DIREITO  
PADRE ARNALDO JANSSEN

ISSN Impresso 1983-5108  
ISSN Eletrônico 2316-6673

e secretário de Estado dos Negócios, da Instrução Pública e dos Correios e Telégrafos, com base nos ensinamentos de Augusto Comte, elaborou uma reforma de ensino de nítida orientação positivista, defensora de uma ditadura republicana dos cientistas e de uma educação que objetivava anular as tensões sociais.

O plano de curso proposto estava de acordo com o projeto pedagógico da educação científica e coerente com o discurso do positivismo crítico. A classificação das ciências proposta por Comte foi utilizada para determinar a ordem de estudo dos fenômenos matemáticos, astronômicos, físicos, químicos, biológicos e sociais. Os estudos de Teologia e Metafísica, eliminados da interpretação dos fatos, cederam lugar à História e à Sociologia. A Retórica foi eliminada do currículo.

Apesar de disciplina extinta, a Retórica ainda continuou influenciando as aulas de língua e literatura vernáculas. Segundo Magda Soares (2001, p. 151), “a mudança de denominação não significou mudança no objeto e no objetivo dos estudos da língua”. A disciplina Português manteve, até os anos de 1940, a tradição da Gramática, da Retórica e da Poética.

Segundo essa autora, a permanência da tradição retórica, mesmo após sua extinção do currículo, deve-se a fatores externos e a fatores internos à disciplina. Constitui fator externo o fato de a escola ter continuado a servir os grupos privilegiados, os únicos que tinham acesso a ela, que pertenciam a contextos letrados e que já chegavam à escola dominando a norma culta e com o hábito da leitura e da escrita. Para esses grupos de elite, era interessante manter o *status quo*. Constitui fator interno, principalmente, a falta de alternativas para o ensino do vernáculo. Só se conheciam a Gramática, a Retórica e a Poética, saberes herdados da tradição. Embora a disciplina curricular já tivesse passado a se chamar Português, persistiram embutidas nela as disciplinas anteriores.

Óbvio é que não se muda a cabeça de toda uma geração de professores formados na tradição humanística, imbuídos de valores da Retórica. A influência da Retórica permanece, embora cada vez menor, até por volta da década de 1950. A Retórica e a Poética,

---

Manoel da Costa Honorato, professor do Colégio; *Compêndio de Rhetórica e Poética* (1879) e do Dr. José Maria Velho da Silva, *Lições de Rhetórica* (1882).



em todo o mundo, foram se transformando em estudos estilísticos, tal como hoje são conhecidos. Em decorrência do desprestígio da oratória, deixou-se de enfatizá-la e passou-se a dar maior realce à língua escrita.

Paulatinamente, no entanto, mesmo esses saberes remanescentes foram sendo relegados e substituídos por outros, sob a influência do positivismo e do cientificismo, que se difundiram pelo mundo, e da democratização da escola, que passou a exigir a reformulação das funções e dos objetivos dessa instituição. Segundo Soares (2001, p. 152), a partir dos anos de 1950 as condições de ensino e de aprendizagem do Português começam a mudar no Brasil, o que se deveu somente a fatores externos: uma progressiva transformação das condições sociais e culturais, e, sobretudo, das possibilidades de acesso à escola. Não houve influência de fatores internos, uma vez que não ocorreram grandes alterações nos conhecimentos sobre a língua, continuou-se a valorizar a Gramática e a língua era concebida como instrumento de expressão para fins retóricos e poéticos. Não houve, portanto, alteração significativa no objeto e nos objetivos do ensino do Português.

Para Soares (2001, p. 152), foi somente a partir da segunda metade dos anos de 1980 que novas teorias desenvolvidas na área das ciências linguísticas começaram a alterar fundamentalmente essa situação. Essas teorias foram introduzidas nos currículos de formação de professores a partir dos anos de 1960. Primeiro, foi a Linguística; mais tarde, a Sociolinguística; e, mais recentemente, a Linguística Aplicada, a Psicolinguística, a Linguística Textual, a Pragmática e a Análise do Discurso. Foi só nos anos de 1990 que essas ciências começam a chegar à escola, a ser "aplicadas" ao ensino da língua materna.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O declínio da Retórica aconteceu a partir de fins do século XIX, a ponto de quase desaparecer. Entretanto, paradoxalmente, ela continuou a influenciar ainda por muito tempo. Foi como uma falsa saída de cena. Ela sobreviveu no ensino literário, nos discursos jurídicos e políticos e na comunicação de massa do século XX. Na França e em outros países da Europa, a partir dos anos de 1960, aparece uma Nova Retórica. No Brasil, pode-se entender

que a Retórica, pelo menos oficialmente, só deixou de influenciar o ensino a partir da metade dos anos de 1980.

Muito embora seja necessário reconhecer os aspectos negativos da Retórica vigente à época de seus estertores, em fins do século XIX, cumpre também reconhecer que se tornou tão grande a aversão pelo nome *Retórica* que passou a ocorrer uma “cegueira” no não reconhecimento de aspectos positivos dessa arte milenar. Parecia que a palavra causava medo. Porém, como bem salienta Reboul (2004, p. 12), quando um professor ensina a escrever segundo um plano, a ligar ordenadamente os argumentos de forma coesa e coerente, a prestar atenção ao estilo na hora da escrita, a descobrir e usar construções adequadas, a falar elegantemente e com entusiasmo, “não serão retórica, no sentido mais clássico do termo?”

#### ABSTRACT

This article intends to show how rhetoric had important implications for the teaching of the Portuguese language in Brazil, a heritage that has been passed down to us by our colonizers. Rhetoric arrived in the country through Jesuit priests, who came in 1549 and remained here until 1759, that is, for 210 years. The methodology employed for this study was bibliographical research, through the tracking down of diverse sources of investigation. It is argued here that the beginning of the teaching of rhetoric in Brazil brought contributions to education, since it was intended to make young men eloquent and able to write well. The Jesuits understood that a good knowledge of grammar was the basis for more advanced studies in rhetoric. It is also important to mention that the literary development of the student in Brazil consisted of the reading of the major authors, mainly the Greeks and Romans. At the end of the secondary course, there was a great emphasis on the study of Aristotle’s Rhetoric and Poetics.

Keywords: History. Rhetoric. Portuguese language. Jesuits. Teaching.

#### REFERÊNCIAS

ARISTOTLE. *Art of Rhetoric*. Trad. de J. H. Freese. Cambridge, London: Harvard University Press, 2000. 492 p.

BARTHES, Roland. In : Cohen et alii. *Pesquisas de retórica*. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 139.

CARVALHO, J. Murilo. Historia intelectual: la retorica como clave de lectura. *Prismas Rev. de Historia*, Quilmes, Argentina, v. 1, n. 2, p. 149-168, 1998.

CICERO. *De Oratore*. 2 v. Trad. H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press, 1942. (The Loeb Classical Library).

FERNANDES, Rogério. A história da educação no Brasil e em Portugal: caminhos cruzados. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, jan-abr. 1998.

FERREIRA, Silvestre Pinheiro. *Prelecções philosophicas sobre a theórica do discurso e da linguagem, a estética, a diceósyna, e a cosmologia*. Rio de Janeiro: Na Imprensa Régia, 1813-1820.

HANSEN, João Adolfo. Ratio Studiorum e política católica Ibérica no século XVII. In: VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. *Brasil 500 anos: tópicos em história da educação*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p. 19-20.

MASSIMI, M.; FREITAS, G. R. Acomodação retórica e adaptação psicológica na pregação popular dos jesuítas na terra de Santa Cruz. *Mnemosine*, v.3, n. 1, p. 111-135, 2007.

PLATÃO. *Górgias*. Trad. Manuel de Oliveira Pulquério. Lisboa: Edições 70, 1992. (Clássicos gregos e latinos).

QUINTILIAN. *Institutio Oratoria of Quintilian*. Trad. H. E. Butler. 4 v. Cambridge: Harvard University Press, 1920. (The Loeb Classical Library).

REBOUL, Olivier. *La Rhétorique*. 3. ed. Paris: PUF, 1990.

\_\_\_\_\_. *Introdução à Retórica*. Trad. Ivone C. Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 253 p.

SOARES, Magda B. Que professores de Português queremos formar? *Movimento, Rev. da Faculdade de Educação da UFF*, Niterói, n. 3, p. 149-155, maio 2001.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *O império da eloquência: retórica e poética no Brasil Oitocentista*. Rio de Janeiro: EdUERJ/EdUFF, 1999.

VERNEY, Luís Antônio. *Verdadeiro método de estudar: cartas sobre retórica e poética*. Lisboa: Presença, 1991. (Clássicos Presença, 1).

VICENTE, Gil. *A farsa de Inês Pereira*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

\_\_\_\_\_. *Farsa dos Almocreves*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. (Obras Primas do Teatro Vicentino).